

ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM: FORMAÇÃO HUMANA NA LITERATURA INFANTIL

Laiza da Silva Sousa¹
Cristyane Batista Leal²

RESUMO

O presente trabalho é desenvolvido como uma pesquisa bibliográfica e documental que tem como tema a literatura na educação infantil como alternativa para a formação de leitores críticos e reflexivos. Por muitas vezes, quando se fala em literatura logo se associa como uma ferramenta para auxiliar na leitura, escrita para apreensão de conteúdos ou como uma forma de se ensinar códigos morais. Este trabalho pretende refletir sobre a forma como a literatura infantil vem sendo trabalhada na escola. A questão problema que norteia o texto é: como a literatura infantil nos anos iniciais da educação infantil pode contribuir para a formação de leitores? O artigo discute, a partir das contribuições de Candido (1972-2004), as funções da literatura na formação do ser humano; com Lajolo (1993) reforça a importância da literatura na formação de leitores na escola. Analisamos o livro *Enquanto seu lobo não vem*, de Guimarães (2020). Com Perrotti (1986) e Coelho (2000) discutimos o utilitarismo e moralização da literatura infantil defendendo-a como a arte da palavra.

Palavras-chave: Formação humana. Literatura infantil. Formação de leitores. Mediação. Leitores críticos.

WHILE YOUR WOLF DOESN'T COME: HUMAN FORMATION IN CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

The present work is developed as a bibliographical and documentary research whose theme is literature in early childhood education as an alternative for the training of critical and reflective readers. Often times, when we talk about literature, it is immediately associated with it as a tool to aid in reading, writing to understand content or as a way of teaching moral codes. This work aims to reflect on the way in which children's literature has been worked at school. The problem question that guides the text is: how can children's literature in the early years of early childhood education contribute to the development of readers? The article discusses, based on the contributions of Candido (1972-2004), the functions of literature in the formation of the human being; with Lajolo (1993) reinforces the importance of literature in training

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Inhumas - FacMais. Professora da Rede Municipal de Inhumas. e-mail: laizadasilva@aluno.facmais.edu.br.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas - FacMais. e-mail: cristyaneimagem@gmail.com.

readers at school. We analyzed the book *While Your Wolf Does Not Come*, by Guimarães (2020). With Perrotti (1986) and Coelho (2000) we discuss the utilitarianism and moralization of children's literature, defending it as the art of words.

Keywords: Human formation. Children's literature. Reader training. Mediation. critical readers

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a importância da literatura na educação infantil e seu papel na construção do conhecimento de si e do mundo, sendo essencial para a aprendizagem e a elaboração da autonomia da criança e contribuindo para o desenvolvimento ético, estético e intelectual do ser humano. Porém, a literatura pode ir além dos muros da escola quando mediada, neste sentido o papel do professor como mediador entre livro/aluno se torna de suma relevância no processo de ensino - aprendizagem despertando o interesse da criança pelo prazer da leitura.

Analisamos, neste texto, a literatura na educação infantil e sua importância para a formação de leitores, para além do uso instrumentalizado do livro literário. Este trabalho visa refletir sobre a literatura como arte, como a reafirmação da ficção e fantasia da humanidade trazendo as funções da literatura a psicológica, social e formadora apresentada por Candido. Isso não quer dizer que ela também possa ser convocada para outros fins, entretanto, isso não justifica ignorar suas funções estéticas.

O trabalho, nesse sentido, se faz relevante como um processo de construção do conhecimento sobre a necessidade do ensino da literatura infantil para todos os indivíduos, independentes de suas divergências, de forma a favorecer sua capacidade intelectual, cultural e na formação de cidadãos mais conscientes.

Entendemos que o ensino da literatura é um processo contínuo, baseado na teoria aliada à ação, em que o professor precisa produzir, construir e socializar os conhecimentos, habilidades e competências para desenvolver em suas práticas leituras significativas.

Ante o exposto, apresenta-se o problema de pesquisa que é: vista a necessidade de se entender a importância da literatura como algo indispensável no processo de formação do indivíduo, como a literatura infantil nos anos iniciais pode contribuir para a formação de leitores? Buscamos compreender como a literatura mediada na educação infantil pode contribuir para o processo de formação de leitores. Os objetivos específicos são evidenciar a literatura infantil e a formação do ser humano, analisar um livro literário, refletindo e levantando possibilidades para a formação de leitores e refletir sobre a importância do ensino da literatura para o desenvolvimento da criança na educação infantil.

Os referenciais teóricos tragos para esse intento são Candido (1972-2004), Lajolo (1993), Solé (1998), Pennac (2008), Coelho (2000) e Perrotti (1986), que são autores referenciais dentro da teoria da literatura e do ensino de literatura na escola. As leituras dos trabalhos destes autores permitiram a percepção de um viés de análise que procurou evidenciar a literatura infantil e suas contribuições para a formação de leitores para a construção de uma sociedade leitora e conhecedora do mundo.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

A literatura é uma linguagem específica que pode atuar sobre ideias e oferecer ao ser humano a oportunidade de expandir, transformar ou enriquecer experiência de vida própria. Da mesma forma, podemos dizer que a literatura infantil, em si, tem as mesmas propriedades, de acordo com Coelho (2000) sua diferença está em seus destinatários, ou seja, seus leitores / destinatários: as crianças.

Ler é um recurso valioso para aprender sobre o mundo ao seu redor, amplia e aprimora o vocabulário e promove o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, pois permite o conhecimento das mais diversas ideias e experiências. Entretanto acreditamos que a leitura pode contribuir para a emancipação do sujeito, tornando-o um cidadão mais consciente, com uma visão mais ampla do mundo e ajudando-o na transformação de si e da sociedade em que vive. Para Candido (2004, p. 85) A literatura “[...] não corrompe, nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Traz a vida, não ensina como manuais ou doutrinamento ou regras sociais. Ela humaniza sem classificar o que pertence ao mal.

Entendemos que a literatura é de suma importância para a formação humana, pois é por meio dela que o indivíduo passa a questionar, refletir e adquirir o conhecimento de mundo. O ato de ler permite que o leitor desenvolva o imaginário, a fantasia, além de compreender melhor os aspectos culturais.

Antonio Candido (1972) em “A literatura na formação do homem” afirma que os estudos modernos não se ocupam em estudar a função da obra literária, esquecendo sua importância. Na segunda parte do texto, o crítico literário faz alguns apontamentos sobre a função humanizadora da literatura como algo que, além de

expressar o homem, influencia na sua formação. Diante disso, Candido expõe as três funções da literatura: a função psicológica, a função formadora e a função social. A função psicológica está relacionada com as necessidades mais elementares existentes no ser humano, como a necessidade do homem de ficção e fantasia. Portanto, a literatura é capaz de levar o leitor a outros lugares e outros tempos, permitindo momentos de meditação, reflexão e emoção. Candido (1972) discorre sobre a função formadora que confere à literatura um caráter formativo sobre o ser humano, propondo novos olhares diante do mundo. O poder que a literatura tem na formação do indivíduo, na fruição da arte literária permitindo ao leitor o prazer da leitura de uma obra, além de possibilitar ao leitor ver o mundo de forma global a partir da interpretação da vida tornando mais ampla e rica. Como afirma Cândido a literatura cumpre a função formadora. Dessa forma, a literatura revolve verdades pré-estabelecidas e contribui como um instrumento de aprendizagem essencial para o desenvolvimento da capacidade cognitiva, emocional e social do aluno e leitor. Neste sentido, quanto mais cedo incentivar o hábito de leitura nas crianças, mais tempo elas têm de se formarem adultos leitores. Já a função social da literatura resulta a partir das relações estabelecidas pelo leitor entre a ficção e a realidade, possibilitando ao indivíduo o reconhecimento da realidade do meio em que está inserido, levando para o mundo ficcional. Assim, a literatura exerce sua função essencial, à função humanizadora. Cândido (2004) em seu texto “o direito à literatura” discute os direitos humanos da literatura. Para tal, a literatura é um bem incompreensível, não se pode negar a ninguém, pois é direito humano.

Eco (2003) também ressalta a função educativa da literatura, como uma função que não se reduz à transmissão de ideias morais, boas ou más que sejam, ou à transformação do sentido do belo. Para tal, a literatura é aquela que transcende o tempo e que se modifica ao longo do caminho, ensinando ao ser humano as leis inexoráveis da vida. O autor expõe o fardo da morte como a função principal da literatura.

A formação do aluno leitor ainda é um desafio para a realidade das escolas brasileiras. Cada aluno que chega à escola tem uma compreensão com a linguagem oral e escrita. Dessa forma, depois da família, o ambiente escolar tornou-se a prática de mediação de maior responsabilidade para a leitura. Quanto mais cedo ocorrer a iniciação da criança com o universo da leitura, mais oportunidades serão oferecidas

para a formação deste como futuro leitor crítico e criativo, mas isso não significa que o adulto não leitor, não possa se formar leitor depois de adulto.

Formar leitores no século XXI exige considerar, no mínimo, três dimensões: ensinar e aprender a ler, a desfrutar da leitura, e a ler para aprender. Essa dimensão não tem caráter consecutivo; em qualquer momento em que planejarmos experiências educacionais destinadas a promover a capacidade para ler precisamos considerá-las. (SOLÉ, 1998, p. 157).

Dessa forma, Lajolo (2004) destaca a importância do respeito nas escolhas dos alunos sobre o livro, frisando que:

A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daquele aluno, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livro e faixa etária, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e marketing. (LAJOLO, 2004, p. 108 - 109).

Em geral, a formação de leitores não é uma tarefa fácil. É importante perceber que muitas vezes o primeiro contato entre aluno e leitura ocorre durante o seu primeiro contato com a escola, principalmente, devido ao baixo poder aquisitivo para a compra de livros. Entretanto, a comunicação da apresentação dos livros e do incentivo à leitura se torna responsabilidade do professor.

Arroyo (1968) expõe a natureza da literatura infantil:

que a natureza da literatura infantil, o seu peso específico, é sempre a mesma e invariável. Mudam as formas, o revestimento, o veículo de comunicação que é a linguagem. A fábula de Esopo é imutável desde seu nascimento e desde que consagrada pelo único critério válido em literatura infantil - o gosto do leitor infantil - permanecerá despertando interesse até o fim do mundo. Esta realidade específica não pode ser confundida com exercícios intelectuais ou pedagógicos escritos, fórmulas de moral ou de pureza gramatical, variáveis em suas vinculações históricas. Deixasse bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil. (ARROYO, 1968, p. 25).

Segundo o autor, a invenção da imprensa na renascença, contribuiu para facilitar o aumento dos livros, conseqüentemente também aumentaria o número de leitores. Dessa forma, para que o hábito de leitura ocorra de maneira significativa, é

necessário que o ambiente escolar respeite e proporcione aos alunos livros diversificados, para atender todos os gostos literários do leitor.

Daniel Pennac em seu texto *Como um romance* (2008) discorre sobre a maneira com a qual nos relacionamos com o livro, como o envolvimento dos pais influenciam a leitura através do processo de contar história - como um presente que nos é contado pelos pais, mas que se perde a partir do momento que a criança vai crescendo e já está começando ser alfabetizada quando passam a dominar a leitura - , dos professores ao impor a leitura, das tecnologias e dos direitos do leitor de ler ou não.

A situação piora quando a escola entra em ação propondo um texto para ser lido e, em seguida, os questionários de perguntas para ser respondidas de acordo com a interpretação do aluno sobre o texto, e que muitas das vezes a visão do aluno sobre o texto não é respeitada, tendo em vista que a professora faz a correção no quadro e o aluno apenas copia a resposta da professora porque lhe parece mais coerente. O autor vai do início ao fim tecendo o seu amor pela leitura demonstrando todo o seu carinho verdadeiro aos livros literários.

o verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: “Me ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo , que diabo, eu estou mandando você ler!.(PENNAC, 2008, p.13).

Diante disso, Daniel Pennac (2003) discorre sobre como recuperar o gosto pela leitura em tempos de comunicação em massa e sobre a forma em que o professor obriga o aluno a ler. “É preciso ler, é preciso ler... E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar a sua própria felicidade de ler”? (PENNAC,2008, p. 73).

No entanto, partilhar a felicidade de ler e mostrar o seu próprio entusiasmo é, antes de saber mediar o processo pelo gosto e o prazer da leitura, ler também. O papel do professor é de grande relevância neste processo como influenciador nas leituras dos alunos, principalmente na formação de leitores no momento em que se dispõe a dar exemplos para que este hábito torna-se pontual, sendo estimulado em todos os momentos. Para ensinar a ler é preciso gostar de ler. E quando o educador não gosta ou não busca novos caminhos para aperfeiçoar sua prática leitora, a chance de seu aluno se interessar pelo livro diminui.

É importante enfatizar que os professores precisam tornar esses espaços possíveis para que as crianças sejam atraídas pela leitura.

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo. (SOLE, 1998, p. 72).

Estimular o hábito da leitura através dessas simples estratégias permite possibilitar o desenvolvimento deste hábito, de maneira saudável e leve, sem que o aluno sintase pressionado ou obrigado a ler. Para Lajolo (1993, p. 108), [...] “os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da literatura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”.

[...] o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar...[...] e fazendo com que eles mesmos encontre o prazer nesta gratuidade. (PENNAC, 2008, p. 48).

Pennac expõe o tempo de ler como algo que é roubado, que muitas das vezes é usado como desculpa.

O tempo para ler é sempre um tempo roubado [...] Digamos, a obrigação de viver. É sem dúvida por essa razão que se encontra no metrô - símbolo refletido da dita obrigação - a maior biblioteca do mundo. o tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver. Se tivéssemos que olhar o amor do ponto de vista de nosso tempo disponível, quem se arriscaria? quem é que tem tempo para se enamorar? E no entanto, alguém já viu um enamorado que não tem tempo para amar? Eu nunca tive tempo para ler, mas nada, jamais, pôde me impedir de terminar um romance de que eu gostasse. A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser. (PENNAC, 2008, p. 107-108).

O trecho acima é para que os leitores adultos possam refletir sobre o momento permitido a leitura das crianças, nas quais o momento de aconchego e de fantasia é rompido pela falta de tempo. [...] aquele ritual da leitura, toda noite, à sua cabeceira, quando ele era pequeno - hora certa e gestos imutáveis -, tinha prece. (PENNAC, 2008, p. 31). Pennac afirma:

[...] Sim, a história lida cada noite preenchia a mais bela das funções da prece, a mais desinteressada, a menos especulativa e que não diz respeito senão aos homens: o perdão das ofensas.[...] sem saber, descobrimos uma das funções essenciais do conto e, mais amplamente, da arte em geral, que é impor uma trégua ao combate entre os homens. O amor ganhava pele nova. Era gratuito.(PENNAC, 2008, p. 31).

Diante do exposto, podemos perceber como o contato das crianças com a literatura contribui para a formação humana e como as práticas influenciam o gosto pela leitura. O capítulo a seguir irá abordar o Programa Nacional Do Livro e Material Didático PNLD e como ele compreende a literatura na educação infantil. Para observarmos essas características da literatura, lançamo-nos à análise de um livro literário e elegemos como critérios de escolha, o programa PNLD.

SOBRE O LIVRO *ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM*

O livro *Enquanto seu lobo não vem*, publicado pela editora do Brasil, em (2020), escrito por Telma Guimarães e ilustrado por Ina Carolina, é inspirado em uma conhecida cantiga de roda³. O livro contém 28 páginas, tem como tema o medo de crianças e foi selecionado pelo PNLB - Programa Nacional Do Livro e Material Didático em 2020.

A avó, ao perceber que Lucas ficava muito assustado com histórias sobre lobos, resolveu fazer um passeio pelo bosque para, então, encontrar o lobo a fim de promover o enfrentamento do medo em forma de brincadeira. Em determinado momento, Lucas e sua avó conversam com a figura do lobo. A vovó, então, começa a cantar “vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem” (2020, p.5) ao mesmo tempo em que pergunta ao lobo imaginário onde ele está. A avó responde, imitando a voz do lobo e atribui ações rotineiras, como tirar o pijama, tomar café, escovar os dentes e vestir uma roupa. Lucas começa a se interessar e achar divertida a ideia de esperar e conversar com um lobo, imaginando como seria suas características e como ele faria essas ações. Lucas pergunta ao lobo se ele estava pronto, o mesmo responde que sim, mas que iria esperar sua avó, porque ela iria

³Vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem” seu lobo está? Em roda, uma criança fica em destaque fora da roda (o lobo). As crianças se movimentam em roda cantando “ vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem”. Seu lobo está aí? o lobo então responde o que ele está fazendo. Quando o lobo estiver pronto ele sai correndo atrás de todos da roda, quem ele conseguir pegar será o próximo lobo. A cantiga possui variação, por exemplo, da palavra bosque, que pode ser substituída por floresta. A própria criança que se passa pelo lobo também pode modificar as ações.

passar com ele e contar muitas histórias. O menino ficou imaginando quais histórias contaria a avó do lobo, pois ele nunca havia imaginado que o lobo pudesse ter uma vida parecida com a dele, através desse espelhamento acontece o enfrentamento do medo. Para tal, aquele momento estava bom: ele, a avó, o passeio, o lobo e a avó do lobo. Lucas, após o passeio, sentiu-se mais corajoso e até com vontade de encontrar um lobo ao perceber que o mesmo é alguém como ele, e que também tem parecidos com os de uma criança. Naquele momento, ele percebe que o lobo não deveria ser visto como um animal maldoso.

A temática da obra gira em torno do medo de Lucas em relação ao lobo, uma vez que o medo é muito comum na infância, principalmente nos pequenos e é importante ressaltar a forma como ele é abordado. O que ocorre no livro é um adulto direcionando e possibilitando meios para o enfrentamento do medo, na medida em que Lucas se familiariza com ele e o compreende. Isso também evidencia que perder o medo não é algo instantâneo ou que deve ser forçado, mas deve partir da aproximação e compreensão da criança sobre ele.

O medo é um sentimento comum às pessoas, todo mundo tem medo de algo, sendo uma das manifestações humanas que determina situações e sensações, tanto fisicamente como psicologicamente. No entanto, não deve ser omitido dos livros infantis, tendo em vista que é uma necessidade humana, pois está ligado ao imaginário da criança. Assim como Storch (2016, p.34) afirma:

Os medos infantis são inúmeros, como sabemos. É normal, pois a criança é frágil, mas o medo lhe é útil: ele representa, assim, uma proteção intuitiva, preciosa e indispensável em relação aos eventuais perigos.

O medo, portanto, auxilia no processo de desenvolvimento da criança, através de situações diversas em que esteja presente e isso contribui para a perda da insegurança excessiva.

Desse modo, podemos perceber que a atitude da avó de legitimar o medo de Lucas foi essencial para o desenvolvimento da competência socioemocional diante da percepção cuidadosa e participativa ao observar a expressão corporal que refletia em seu emocional. Em nenhum momento a avó diz para seu neto que ele não deveria ter medo de lobo, mas utiliza a música como ferramenta para ajudá-lo a superar o medo. A curiosidade instigada pelos trechos da canção faz com que Lucas humanize

o lobo e seus comportamentos, e logo percebe que ele não é tão assustador como narrado em outras histórias.

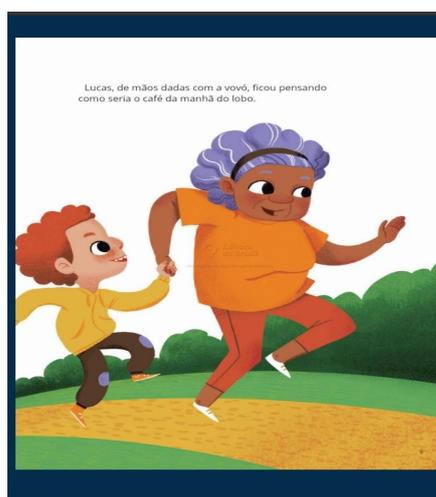


Fonte: <https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/>

As ilustrações do texto contribuem para transmitir o sentimento de Lucas e a postura da avó, mostrando a possibilidade de relacionar o imaginário com o concreto. O livro, contudo, utiliza a imaginação para desconstruir a figura do lobo, sendo explorada em várias dimensões, no medo de Lucas e na criatividade da avó. É importante ressaltar a desconstrução do personagem lobo, sendo diferente de algumas narrativas, como por exemplo, na história da chapeuzinho vermelho ou os três porquinhos, em que há um imaginário do lobo como um animal assustador e muito perigoso. O lobo da história não é classificado como um lobo mau. É apenas um lobo com todas as complexidades humanas.

Chapeuzinho vermelho é a história de uma menina que usava uma capa vermelha. Um dia foi visitar sua avó que estava muito doente, passando pela floresta encontrou o lobo que se passou por bonzinho, correu para a casa da vovó para se passar por ela e enganar a menina. Na história dos três porquinhos, cada irmão construiu sua casa de um jeito o primeiro construiu de palha, o segundo de madeira e terceiro de tijolos, depois de pronta apareceu o lobo querendo pegá-los, derrubou a casa do primeiro e do segundo porquinho com apenas um sopro, os dois saíram correndo para a casa do irmão mais velho para se proteger, quando o lobo chegou ele sobrou mais a casa não caiu, ele resolveu entrar pela chaminé, mas o porquinho era bem mais esperto que ele e colocou um caldeirão bem quente para o lobo cair dentro. Percebe-se que nas duas histórias o lobo mal-intencionado engana suas vítimas para depois pegá-las. No entanto, os personagens são diferentes, mas há uma lição por trás das duas histórias. Na narrativa da chapeuzinho, a moral é

que não se deve falar com estranhos e a ideia de que sempre terá um adulto para salva de alguma situação. Os três porquinhos mostram que não se deve ter preguiça e que trabalho mal feito não dá certo. Essa moralização da história vai contra aquilo que Candido (1972, p.84) afirma: "Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtudes e boas condutas". Para isso existem outros meios. A moralização do medo não serve para educar e sim assustar e impor regras.



Fonte: <https://pnldeducacaoinfantil.editoradobrasil.com.br/>

É importante ressaltar que a ilustração também faz uma desconstrução da figura da avó, uma senhora de cabelos lilás e extrovertida sobretudo uma pessoa em plena vida e com autocuidado. Mostrando um outro lado da avó, que vai além do cuidar, mas de incentivar a autonomia para que seu neto saiba lidar com os desafios.

No material digital referente ao livro, Guimarães discorre que o texto pertence ao gênero literário narrativo cuja a história é contada por um narrador, enquanto os personagens atuam em um determinado espaço e tempo. Nas narrativas, há sempre uma situação inicial e a modificação da situação inicial ocorre por um conflito, clímax e desfecho.

Os elementos que compõem esse gênero são: narrador, tempo, lugar, enredo, situação e personagem. A situação inicial da narrativa é a de uma criança que tem medo de lobos, e a avó, ao perceber a situação, promove o enfrentamento do medo em forma de brincadeira. A situação inicial é modificada pelo passeio de ambos ao bosque, à medida que cantam a música sobre o lobo e ele responde, descrevendo suas ações típicas do dia a dia.

O conflito da história ocorre na transição de Lucas enquanto criança assustada ao Lucas corajoso, passando a enfrentar seu medo, no momento que dispõe a perguntar e participar da brincadeira e quando deixa de perceber o lobo como uma ameaça. O clímax acontece quando Lucas se encontra com o lobo, que aguarda sua vovó lobo para passear com ele. Lucas não esboça medo, mas a curiosidade aumenta sua imaginação. O desfecho acontece quando Lucas despede-se do lobo e da sua avó, muito feliz e já imaginando o próximo encontro.

A autora também ressalta que as emoções são resultados de nossos pensamentos, julgamentos e percepções, e podem ser alteradas pela mudança das próprias suposições que criamos sobre a realidade. Para tal, ajudar as crianças no enfrentamento de seus medos típicos lhes confere disposição para usar positivamente a imaginação, elemento tão rico nessa fase do desenvolvimento, e abrir-se ao novo. Acreditar e imaginar que o desconhecido pode ser tão humano quanto nós, aumenta a curiosidade, a coragem e o interesse por novas experiências. A literatura possibilita a imaginação, assim como *Candido* (1972) discorre sobre a função psicológica como uma necessidade do ser humano de ficção e fantasia, uma necessidade humana. Isso nos coloca em outras perspectivas de vida das pessoas, nos apresentando uma vida diferente da vida de *Chapeuzinho Vermelho*.

Quanto aos elementos narrativos do livro, o narrador está em 3ª pessoa, e é onisciente e onipresente, pois tem conhecimento total dos sentimentos, pensamentos e intenções dos personagens. A narrativa segue o tempo cronológico passado, presente, futuro e psicológico, porque se dá pelo fluxo da narrativa, o tempo é cronológico porque a história se passa pela manhã [...] no passeio que fez pela manhã começou a cantar - “Vamos passear no bosque enquanto seu lobo não vem (p. 4 - 5), o texto pela manhã e aquele em que o dia está começando, e quando os afazeres do dia - dia se inicia. O espaço narrativo é o bosque no qual ocorre o passeio. O título e o enredo do texto utilizam um trecho da famosa cantiga popular infantil e instiga a curiosidade do personagem principal Lucas. Por fim, os personagens são Lucas, sua avó, o lobo e o papel secundário da vovó lobo.

Os recursos que a ilustradora utilizou para ilustrar o bosque em que a história acontece é um ambiente aberto com muitas árvores, plantas e gramas a também uma cerca que divide um espaço com outro. O espaço é bem diferente da história da *Chapeuzinho Vermelho*, que se passa em uma floresta fechada. O personagem

Lucas é uma criança que está sempre acompanhada de um adulto, diferente do chapeuzinho que foi sozinha para a casa de sua avó. Lucas é um nome bastante comum no Brasil, tem origem no grego que significa "o que vem da Lucânia", "lucano", "luminoso" ou "iluminado".

Diante do exposto, percebe-se que a literatura é um agente formador por excelência, quando aborda temas que fazem parte do cotidiano da criança propondo mais significado à leitura. O livro *enquanto seu lobo não vem* disserta sobre medo muito comum na infância. O capítulo a seguir irá abordar a mediação desse livro, apresentando algumas possibilidades de se trabalhar o livro analisado em sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA PARA O DESENVOLVIMENTO LEITOR DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É consenso que o papel do professor na mediação entre aluno/livro é fundamental para processo de ensino aprendizagem da leitura literária. A inserção da literatura infantil na primeira infância possibilita o desenvolvimento de aspectos cognitivos e físicos, nessa fase o uso da ludicidade é muito presente para despertar a curiosidade, criticidade, imaginação e criatividade. No entanto, é um desafio fazer com que a literatura seja espontânea sem o viés exclusivo da alfabetização e da leitura escolarizada.

O texto *sedutor na literatura infantil* de Perrotti (1986) aborda o olhar crítico dos profissionais da educação sobre as questões culturais na infância e na leitura, a crise do discurso utilitário, principalmente faz críticas a respeito da literatura infantil. Para tal, o objetivo de seu trabalho acadêmico é evidenciar uma nova tendência discursiva acerca da literatura infantil e juvenil. Perrotti (1986, p. 14) discorre que:

Somente quando a literatura para crianças e jovens abandonar o utilitarismo é que podemos ver nascer uma tendência que se quer comprometida prioritariamente com a arte e não com a pedagogia.(PERROTTI, p.14).

Porém, ao comprometer-se com arte não é deixar de se comprometer com a pedagogia, mas com a formação humana. Dessa forma, novas condições sociais surgiram e possibilitaram uma concepção nova do que poderia ser a literatura infantil

e juvenil sem o uso da moralização. Tendo como consciência de que a obra literária é um objeto estético, e não apenas uma forma pedagógica de ensinar.

Neste mesmo sentido, reduzir apenas à moralização e ao utilitarismo é ignorar todo o potencial formativo da literatura enquanto arte. De acordo com Candido (1988),

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; as que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 2004, p. 113).

O trabalho unicamente moral da literatura deixa as estruturas de poder como estão, os valores como estão e conseqüentemente as transformações sociais não ocorrem. A literatura colabora para a mudança das coisas como estão porque cria outros universos simbólicos, outras possibilidades de a vida existir, de o ser humano ser.

Perrotti (1986, p. 45) adverte que “desde a antiguidade, a literatura, em sua aproximação com a criança e jovens, foi entendida como veículo privilegiado de transmissão de valores, sobretudo morais”. Essa utilização da literatura como instrumento de transmissão de valores do que é certo, errado, bom ou ruim ainda está presente na educação infantil, mas para além dessa utilização a literatura infantil humaniza. Assim como Candido (2004, p. 85) afirma: “A literatura, não corrompe e nem edifica, mas humaniza ao trazer livremente em si o que denominamos de bem e de mal”. Humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações. Ela atua em nós como uma espécie de conhecimento que resulta em uma aprendizagem, ou seja, educa para além do bem e do mal.

A literatura é importante para a existência humana, pois tem em si a capacidade de mexer com sentimentos e emoções humanas, sobretudo promover a formação do indivíduo para que seja capaz de compreender o mundo à sua volta. Para Coelho (2000, p. 27) a definição da literatura infantil é a arte. “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é a arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”

De acordo com a afirmação, a literatura utiliza das artes visuais, são parceiras uma complementa a outra, pois tem como matéria a palavra, que tem a capacidade de transformar a realidade do indivíduo em mágico. Coelho (2000) disserta que a

literatura infantil é composta por diferentes gêneros literários e é dividida por alguns subgêneros como a poesia, ficção e teatro.

Gênero ou forma geradora é a expressão estética de determinada experiência humana de caráter universal; a vivência lírica (o eu mergulhado em suas próprias emoções), cuja expressão essencial é a poesia; a vivência épica (o eu em relação com o outro, com o mundo social), cuja expressão natural é a prosa, a ficção; e a vivência dramática (o eu entregue ao espetáculo da vida, no qual ele próprio é o personagem), cuja a expressão básica é o diálogo, a representação, isto é, o teatro. (COELHO, 2000, p. 163).

Essas representações básicas ao longo dos anos foram consolidadas pela humanidade por meio de produções artísticas e literárias. Neste mesmo sentido, Coelho (2000, p.164) afirma: “a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor específico, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida”.

Por isso, a presença do professor como mediador do texto literário é tão importante nesta fase da educação infantil. Antes mesmo da criança aprender a ler é necessário que primeiro se deixe encantar pelas vozes das leituras realizadas em sala de aula pelo mediador, para que então sejam capazes de tecer a rede de fios que se entrelaçam infinitamente na literatura infantil.

Mas como o professor pode utilizar o livro analisado *enquanto seu lobo não vem* na mediação em sala de aula? Diante dessa indagação, apresentaremos algumas propostas de mediação de acordo com o livro. Não se trata de um roteiro de aula obrigatório, mas de possibilidades de se trabalhar o livro para além de instrumentos linguísticos o livro em sala de aula. É necessário ressaltar que o livro é quem sugere práticas de mediação, partindo dele as possibilidades de trabalho com as crianças.

Antes de iniciar a leitura, poderíamos colocar os alunos em círculo para uma atividade de aquecimento e exposição do tema, apresentar a canção popular *Enquanto seu lobo não vem* cantada, em áudio ou por vídeo. Depois da leitura dialogar com os mesmos, explorando o máximo do livro para que haja uma interação maior com as crianças.

Em seguida, utilizar a canção e fazer a brincadeira em sala de aula. Atualmente as brincadeiras infantis parecem estar em vias de extinção, com as novas tecnologias as brincadeiras já não estão tão presentes no cotidiano das crianças. Diante disso,

ao trabalhar a canção e a brincadeira o professor estará fazendo um resgate histórico cultural das nossas origens.

A personagem avó de cabelos lilás também pode ser trabalhada em sala de aula. É necessário mostrar às crianças a importância de se valorizar e respeitar os avós. Trazer uma música sobre avós para dialogar com as crianças⁴

A convivência com os avós contribui para o desenvolvimento infantil trazendo diversos pontos positivos, a construção de boas memórias, através dos momentos de contação de histórias únicas e com grande significado para a criança. Sobretudo na construção da identidade, valorização da própria história, desenvolvimento da imaginação através das histórias contadas pelos avós conhecer suas raízes familiares. Diante disso, ao pedir às crianças que conversem com seus avós sobre as brincadeiras de sua época para compartilhar na sala de aula. Fazer um resgate das brincadeira populares para fazer na sala como pular amarelinha, passa anel, batata quente, pular corda.

A história aborda o personagem lobo bem diferente de outras narrativas como chapeuzinho vermelho. Diante disso, é possível fazer a comparação do lobo desta história com o de outras narrativas, perguntando como é o lobo da chapeuzinha vermelha? Como é a floresta? Como é a vovó? O que eles perceberam de diferente entre as duas histórias?

O livro também fala sobre o medo de lobo do personagem principal Lucas. Dialogar com as crianças perguntando se os mesmos têm medo de alguma animal ou do que eles têm medo, nesse momento o professor pode trazer outro livro como chapeuzinha amarela Chico Buarque (2019), era uma menina amarela de medo que tinha medo de tudo até mesmo da sua sombra, mas de todos os medos que tinha o medo mais que medonho era o medo de lobo, de um lobo que morava bem longe para lá das montanhas que nunca se via. E de tanto ela imaginar e sonhar com lobo, um dia ela topou com o lobo, nesse momento a menina foi perdendo o medo e

⁴ Exemplo de canção: Ah meu avô, minha avó Ah meu avô, minha avó Vem cá me abraçar apertado Deixa eu sentar do seu lado Conta uma história pra mim cante uma canção assim Sabem como é ser feliz Tem sempre amor no que diz Aqui eu sou sempre bem vindo E o cheiro das flores eu sinto. Tem bolo feito com amor Das mãos de quem sempre me amou Me protegem quando eu preciso Cantam para me ninar. Me afago no colo querido Me acalmo com seu sorriso Sou cria da sua cria Tão cria quanto a sua cria

Fonte: [Isadora Canto - Avós \(Audio e Letra\)](#)

começou a dar nome aos seus medos, o lobo virou bolo, o raio orraí, e a barata tabará.

Essa história também mostra o enfrentamento do medo, mas diferente da história de Lucas que com a participação da avó propôs o enfrentamento do medo. Chapeuzinha amarela estava sozinha, e enfrentou seus medos.

É importante ressaltar que estas propostas apresentadas aqui neste trabalho, não se trata de um manual obrigatório para uso do livro, mas sim, possibilidades de se usar o livro de forma literária, dentro das funções intrínsecas a ela.

A leitura pode ser trabalhada de diferentes formas em sala de aula, com o livro o professor também pode assumir diferentes posições, de acordo com a concepção de literatura e sua intenção e objetivo ao trabalhar. Diante disso, o trabalho literário não exclui outras possibilidades mais utilitárias, mas enfatiza e valoriza a literatura em si mesma como formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou evidenciar a literatura na educação infantil como promoção para a formação de leitores. A leitura literatura na escola só terá êxito se estiver de acordo com as necessidades das crianças. Muitas das vezes, a prática de literatura é de cunho exclusivamente utilitário, com a finalidade de ensinar mediante normas contidas nas histórias, principalmente as com final moralizante. Essas histórias contribuem para formação de crianças passivas que seguem modelos e normas, essa formação é inadequada, pois a literatura educa para além do bem e do mal.

Ademais, cabe ao professor rever a utilização da literatura em sala de aula, introduzindo a literatura de cunho formativo que possibilita ao aluno a criatividade, autonomia e a criticidade, elementos essenciais para a formação da criança. Também é necessário que o professor selecione livros literários que contribuam para o acesso ao conhecimento do mundo e do ser, através da fantasia do livro literário. Porém, não se forma leitores, na escola, somente colocando a criança em contato com o livro, e de relevância a mediação entre aluno/livro, o aprendizado é contínuo.

Em resposta à indagação inicial sobre como a literatura infantil nos anos iniciais pode contribuir para a formação de leitores, é possível afirmar que ler textos literários, fazer análise do ponto de vista do narrador, observar quem são os personagens, quais são os problemas, sentimento e expressões contribui, mas é preciso proporcionar a interação das crianças com o texto, analisando o tema o problema explorando o máximo do texto e colocando os alunos para pensar e participar de forma ativa do processo de ensino - aprendizado.

A literatura contribui para a formação de seres pensantes e críticos preparados para a vida. Fonte inesgotável de assunto e conhecimento, auxilia na compreensão de si e do mundo. Por fim, ressalto que o estudo deste trabalho foi de suma relevância para mim, conhecer os teóricos que pensam sobre a literatura como o potencial humanizador.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 1972.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: Teoria, Análise, Didática**/ Nelly Novaes Coelho, 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GUIMARÃES, Telma. **Enquanto seu lobo não vem**/ Telma Guimarães; ilustrações de Ina Carolina. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo 1993.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Ed.1ª Rocco, 2008.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. **Textos de intervenção**. Porto Alegre, Ed. 6, 1998.

STORCH, C. R. L. Estudo sobre os fatores de medo e os fatores de proteção na infância em uma visão Junguiana. Criação de Instrumento para Avaliar Medo e Proteção na Infância. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – RCE, v. 7, 2022, ISSN 2526-4257, e23044

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2019.